

Portugalidades recicladas: A ideia de patriotismo e o hino nacional “A Portuguesa” entre o romantismo oitocentista e o Euro 2004.

Jorge Castro Ribeiro
Universidade de Aveiro

1. Introdução

A *Constituição da República Portuguesa* postula que o hino nacional “A Portuguesa” é, juntamente com a bandeira, um dos dois símbolos da República¹.

Na actualidade, entre muitos portugueses a audição desta marcha, quer seja na convencional versão coral sinfónica, numa simples versão de piano com voz solista, em formato instrumental de banda militar ou cantada (e desafinada) pela massa adepta de um jogo de futebol da selecção nacional, esta música tem um efeito emotivo forte relacionado com o sentido de pertença colectiva, orgulho e identidade nacional.

Segundo o protocolo do Estado português,

O Hino é executado oficialmente em cerimónias nacionais civis e militares onde é rendida homenagem à Pátria, à Bandeira Nacional ou ao Presidente da República. Também, quando se trata de saudar oficialmente em território nacional um chefe de Estado estrangeiro, a sua execução é obrigatória, depois de ouvido o hino do país representado. (Ministério da Defesa Nacional 2011).

O hino é também executado em competições desportivas internacionais em que participam atletas de nacionalidade portuguesa².

Para muitos portugueses nossos compatriotas contemporâneos (como para tantas outras pessoas de outros países), a música do hino nacional desperta a memória histórica colectiva e a expressão da dedicação à pátria e à exaltação do sentido de comunidade portuguesa. Esta música, por outras palavras, tem a faculdade de activar um sentimento de “patriotismo”.³

1 Trata-se do nº 2 do artº 11 da Constituição da República Portuguesa

2 Além disso é executado em eventos culturais populares que envolvem a presença de representações estrangeiras, como é o caso dos festivais de folclore ou os encontros de bandas de música. Por vezes é cantado em momentos celebração ou manifestação colectiva, de forma espontânea como foi o caso, por exemplo, da gigantesca manifestação de professores, em Lisboa, em Março de 2008.

3 Bohlman (2002: 94) nota que “it’s not only the nation that shapes national music. Music, because of its performativity, can powerfully shape the nation (...) when people from throughout the nation gather in a shared performance of music. (...) Each” person sing the music of the “whole” nation with “all” other citizens”.

Todavia a composição da marcha *A Portuguesa* teve lugar no século XIX, no contexto político nacionalista do liberalismo monárquico e um dos objectivos dos seus criadores era, seguramente, estimular os sentimentos patrióticos dos seus conterrâneos, mas não, certamente, o de produzir um hino nacional republicano. A sua concepção está relacionada com um episódio de comoção patriótica – a questão do mapa cor-de-rosa e do *ultimatum* inglês a Portugal a propósito da cedência de uma parte das históricas possessões coloniais portuguesas em África⁴ – que causou uma reacção nacional de indignação perante as pretensões e exigências da Inglaterra e, conseqüentemente, de levantamento popular colectivo nacionalista.

De resto a letra⁵ de *A Portuguesa* remete precisamente para a expressão de aspirações e valores que foram concebidos naquela conjuntura política e ideológica específica – do liberalismo monárquico - obviamente muito diferente do presente. Tratava-se de uma sociedade cujas elites pretendiam rever-se no contexto internacional da civilização europeia, das suas motivações e hábitos, bem como nas suas referências intelectuais e estéticas relacionadas, nessa época, com o que convencionalmente se designa por romantismo. O patriotismo era um dos ingredientes centrais desta identidade colectiva baseada na auto-consciência nacional, na história e na homogeneidade cultural. Tratava-se de um patriotismo de carácter nacionalista e identitário.

O compositor desta marcha – Alfredo Keil (1850-1907), pintor e músico descendente de uma família alemã, nascido em Portugal mas educado parcialmente na Alemanha - morreu antes de a sua composição ser elevada à condição oficial de hino da república portuguesa. A adopção pelo regime republicano, em 1911, como hino nacional veio a consubstanciar um novo paradigma da representação da identidade portuguesa que se prolongou, em parte, até ao presente. Algumas das ideias veiculadas a propósito da composição do hino nacional ligam a sua inspiração ao fado, à *Marselhesa* e ao *Hino da Maria da Fonte*. (Leite 1974:28) Trata-se, a meu ver, ainda de uma leitura pretensiosa do conteúdo musical do hino cuja efectiva correspondência com aquelas fontes, levanta dificuldades e problemas interessantes pelo que perpetuam da memória do romantismo novecentista. Todavia não só o uso social, mas também o conteúdo musical de *A Portuguesa* constituem chaves pertinentes e incontornáveis para entender esta marcha no âmbito da afirmação do patriotismo do século XIX e do séc. XXI.

Os objectivos desta comunicação são questionar alguns destes “mitos de origem” e a manutenção do hino nas várias mudanças políticas que ocorreram entre 1911 e o presente. Também observo algumas novas apropriações do hino nacional no Portugal

4 Através do ultimatum (pré-declaração de guerra) a Inglaterra exigiu a Portugal a cedência dos territórios entre Angola e Moçambique (mapa cor-de-rosa) que estavam então a ser explorados pelos portugueses. Portugal vivia numa situação financeira difícilíssima, ao passo que a Inglaterra expandia cada vez mais os seus poderes militar e comercial e detinha forças importantes naquela região de África. Na perspectiva de não ter sucesso em caso de guerra, o Governo português cedeu aos interesses ingleses, abandonando esses territórios. Ao evitar a guerra causou um profundo mal-estar na sociedade portuguesa. O assunto foi assumido a todos os níveis da sociedade como uma afronta brutal, inqualificável, com a agravante de vir de um histórico aliado militar de Portugal.

5 Ver em anexo.

actual partindo da abordagem crítica contemporânea do patriotismo e do papel da música na sua expressão.

2. A composição de *A Portuguesa* e os seus mitos

Se sabemos que a primeira publicação da marcha “*A Portuguesa*”, por Alfredo Keil e pelo poeta Henrique Lopes de Mendonça, ocorreu entre os finais de Janeiro e o início de Fevereiro de 1890⁶, não parece ser certa a data da sua composição.

Vinte anos depois, quando foi instaurada a república, em 1910, o autor da letra, Lopes de Mendonça, afirmou que a composição musical tinha antecedido a adaptação dos versos (*Diário de Notícias*, 18-11-1910). O historiador Rui Ramos (2001:484) refere, inclusive, uma história segundo a qual Alfredo Keil teria composto a música a pensar na entronização de D. Carlos, que teve lugar em Dezembro de 1889 e só depois, no furor patriótico do mês seguinte contra o *ultimatum* inglês, teria sido adaptada com os versos de Lopes de Mendonça.

Esta história liga-se, com certeza, ao facto de Alfredo Keil ter tido excelentes relações com a Casa Real, nomeadamente com o falecido pai de D. Carlos, o Rei D. Luís, que foi seu protector. Tivesse ou não sido assim, o facto é que Keil partilhava com a elite social do seu tempo, a que pertencia, um sentido cívico de patriotismo. Um sentido social que emergia nos momentos de aflição em que era preciso mobilizar a ajuda colectiva, ou que se manifestava individualmente na colocação dos talentos próprios ao serviço do país e da comunidade. O episódio do *ultimatum* inglês foi precisamente um desses momentos de mobilização cívica patriótica em que Keil e Mendonça participaram através da publicação da marcha.

Nessa altura foram impressos e distribuídos em Lisboa e na província vários milhares de exemplares da partitura. Assim se compreende a grande difusão e a sua adopção a diversos níveis, desde as agremiações populares, aos teatros, incluindo o S. Carlos, até aos salões das elites, às camadas estudantis e intelectuais republicanas. Durante vários meses nesse ano e em diferentes episódios públicos, a marcha foi tocada e cantada em teatros, assembleias, nas colectividades, tendo-se tornado extremamente popular. Na conjuntura política de então, de contestação republicana à monarquia, a conotação da *A Portuguesa*, veio gradualmente a transferir-se do patriotismo cívico do liberalismo português, para um republicanismo anti-monárquico, por vezes radical (Ramos 2001:491). A exploração das suas execuções pela ala radical republicana – muita vezes contra o monárquico e oficial *Hino da Carta* - veio a corroer a sua aceitação popular e conotação com o patriotismo e a transformá-la, contra a vontade dos seus criadores, num hino associado politicamente ao republicanismo.

Entre 1890 e 1910 *A Portuguesa* manteve-se, porém, na memória dos portugueses quer associada ao período do *ultimatum*, quer à contestação republicana. Por isso foi natural a adopção do regime republicano deste hino. Uma adopção fácil, consensual e justificada pela sua grande popularidade e difusão, pelo seu uso na rebelião republicana de 31 de Janeiro de 1891 e pelo conteúdo simbólico da sua letra.

Um dos mitos que se estabeleceu em relação à composição musical de Alfredo Keil insiste que a partitura combina vários elementos simbólicos, identitários e históricos.

6 O ultimatum inglês foi entregue na forma de Memorando ao Governo Português a 11 de Janeiro de 1890

Três fontes de inspiração concorreram para a boa fortuna da música: o fado, a canção nacional mais própria para as lamentações do patriotismo ferido; *A Marselhesa*, que é o grito por excelência da revolta contra o despotismo ou qualquer outra forma de tirania, e a *Maria da Fonte*, em que vibra o nosso amor pela liberdade. (Leite 1974:28)

A estrutura musical de *A Portuguesa* é bastante variada e envolve processos claros e convencionais de afirmação tonal, através de arpejos e alternâncias harmónicas entre a tónica e a dominante. Em certas secções faz modulações a outras tonalidades e, por vezes, faz variar a estabilidade do ritmo harmónico, revelando uma escrita pensada e elaborada, que não se submete à quadratura fácil da música popular. A sua complexidade musical – quer melódica, rítmica ou harmónica - aproxima-a facilmente da linguagem musical erudita com difusão internacional do século XIX e muito particularmente da escrita pianística⁷. Nesse aspecto, da composição musical, *A Portuguesa* não difere substancialmente de outras composições vocais de Keil, embora seja uma abordagem um pouco tardia.

No que respeita às observações sobre os vários elementos presentes na composição, no final do século XIX o fado era, de facto, um tipo de música popular sobretudo das classes baixas. Não havia sido ainda codificado e era provavelmente um género dançado, tocado e cantado sobretudo nas tabernas. A sua apropriação pelas classes letradas era uma manifestação de interesse etnográfico ou de aproximação às práticas de sociabilidade popular. De resto Alfredo Keil chegou a estilizar fados como música de salão, em arranjos para piano. Era, portanto, um domínio que o compositor conhecia bem. A sua evocação no hino poderia, de facto, ter uma dimensão simbólica.

No caso da *Marselhesa* que também eclodira num contexto revolucionário e de afirmação de valores patrióticos de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa, a associação pode vir de algumas frases musicais, mas mais provavelmente do paralelo entre os versos “pela pátria lutar” e “contra os canhões” com o “aux armes citoyens” do hino francês. Em todo o caso os procedimentos musicais em muitos hinos e músicas militares seguem esquemas melódicos de afirmação clara da tonalidade, através de arpejos e outros recursos que acabam por ser configurações sonoras da estabilidade e segurança que supostamente a instituição castrense proporciona.

Finalmente o *Hino da Maria da Fonte*, composição de Ângelo Frondoni de 1846, ano da revolta popular que teve lugar no Minho e em que uma jovem se tornou símbolo da resistência contra as novas leis sobre incorporação militar e a proibição de enterramentos nas igrejas. De acordo com Teixeira Leite, neste hino e nas ideias da sua letra, *A Portuguesa* teria recuperado o “profundo amor à liberdade do povo português”. A melodia bem recortada da *Maria da Fonte* pode, de facto ter sido um modelo para Alfredo Keil, apesar de não ser fácil entender auditivamente nem este nem os outros ingredientes n^o *A Portuguesa*.

Mais do que semelhanças da *Portuguesa* com estas fontes musicais, parece ser a sua linguagem musical comum o traço simbólico mais importante. Trata-se de uma linguagem harmónica, melódica e rítmica totalmente filiada nos paradigmas composicionais europeus típicos do século XIX, em que a sociedade de então se revia e nos quais sentia representados os seus valores de portugalidade cosmopolita. Um

7 Alfredo Keil compôs e publicou diversas canções para canto e piano, em francês e português, sobretudo destinadas ao mercado doméstico da música de salão.

patriotismo português singular mas tão internacional como o de qualquer outra “nação civilizada” da época.

3. As mudanças de regime político e a manutenção do hino

Apesar da diferença ideológica e política do Estado Novo em relação à Primeira República, notavelmente, este regime continuou a assumir *A Portuguesa* como hino nacional. De resto o Estado Novo contribuiria para uma imposição do patriotismo português baseado numa mitificação da portugalidade perfeitamente identificada com as linhas gerais afirmadas na ideologia patente na letra do hino nacional. Eduardo Lourenço afirma mesmo que foi durante o salazarismo que se inculcou o “culto patológico da lusitanidade”, ressaltando porém que existia, apesar disso “gente menos “visionária” e menos delirantemente “patriótica”. (Lourenço 1992:37).

Por seu turno a instauração do regime democrático, em 1974, também não deu azo à sua substituição, quiçá pela continuação da sua adequação à condição de símbolo nacional e também, com certeza, à importância da estabilidade portuguesa simbólica ao nível da imagem diplomática e internacional. Por outro lado o novo regime identificou-se muito claramente com os valores republicanos e continuou, certamente, a rever-se no conteúdo e forma do hino nacional.

4. O patriotismo contemporâneo e o hino nacional

Após estes acontecimentos históricos que poderiam justificadamente ter mudado o curso de *A Portuguesa*, mais dois episódios merecem referência: o primeiro é o discurso que o escritor António Alçada Batista proferiu nas comemorações oficiais do 10 de Junho (Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades) em 1997, na Covilhã. O regime democrático estava já completamente sedimentado, a adesão a União Europeia havia aberto imensas oportunidades de desenvolvimento e de mudança na sociedade portuguesa, nos seus valores e na sua posição no quadro internacional. Alçada Batista foi durante dez anos Presidente da Comissão Organizadora destas simbólicas comemorações da identidade portuguesa e o seu discurso tornou-se notícia pela crítica que estabeleceu ao conteúdo bélico e militarista da letra do hino que, na sua perspectiva, já não se justificava no contexto de um país democrático, europeu e distante da perspectiva belicista que lhe dera origem.

É altura de estarmos atentos ao que, nas nossas próprias instituições, se mantém ainda como elemento de uma civilização bélica, como seja uma diplomacia que em algumas pessoas se manifesta pela existência sistemática de 'inimigos', quando é necessário ter a subtileza de distinguir as situações de fraternidade e diálogo, das situações de defesa de um possível agressor. A própria letra do hino nacional não me parece adequada à nossa civilização, não pode ter nenhum eco no coração da juventude evocar a vitalidade da Pátria, gritando 'às armas' e propondo-nos 'marchar contra os canhões'. (...) temos de estar atentos àquilo que pode destruir a vitalidade da sua cultura. De resto, é quando esses valores estão em perigo, que uma Pátria mais desperta e se valoriza. (Baptista. 1998: 162-167).

O último episódio que me parece interessante de referir e que envolve o hino nacional ocorreu em 2004, quando Portugal organizou o Campeonato da Europa de futebol (UEFA – Euro 2004). Tratou-se de um evento de grande repercussão mediática a nível internacional e no qual o país investiu enormemente a sua imagem. A participação da selecção nacional provocou um grande entusiasmo popular e uma novíssima exteriorização do patriotismo português contemporâneo. “Uma espécie de catarse colectiva da depressão e do conformismo cinzento dos últimos trinta anos”, como diz de Teresa Noronha, participante de um fórum de professores na internet, em Julho de 2004. Foram feitos apelos públicos à exibição de bandeiras nacionais nas janelas das casas, muitas pessoas utilizaram vestuário com as cores da bandeira nacional durante os dias do campeonato. Aqui claramente se materializou um postulado de Eduardo Lourenço: “Os Portugueses vivem em permanente *representação*, tão obsessivo é neles o sentimento de *fragilidade* íntima inconsciente e a correspondente vontade de a compensar com o desejo de fazer *boa figura*, a título pessoal ou colectivo.” (Lourenço 1992:74).

Esses foram também dias intensos de utilização do hino nacional identificado com o apoio à selecção nacional de futebol. Em cortejos e manifestações populares o hino era frequentemente cantado, num reflexo espontâneo de exteriorização do afecto pela equipa e pelos seus jogadores, metáfora contemporânea do amor patriótico.

Todavia, além do hino nacional, nesse ano, ficou associado a este evento uma canção rap, “Menos ais!”⁸, do grupo Da Weasel, patrocinada pela empresa de combustíveis e energia Galp, que também patrocinava a selecção portuguesa. Esta canção teve um impacto popular enorme tendo entrado nos tops de vendas e tendo sido alvo de debates. A letra expressa com crueza e frontalidade uma visão contemporânea do patriotismo “sem coisas de mão no peito e ar pesado”. Uma metáfora, a partir dos temas do futebol, que pergunta “Porque é que o país se queixa do que podia ter sido?” e que promete que “vai mudar o nosso fado, do coitado, do conformado, do comido”. E que no refrão pede “mais, muito mais” e, já agora, “menos ais”.

Estávamos agora perante uma afirmação uma nova portugalidade, centrada no futebol, na cultura física do desporto, na oposição e afirmação da selecção portuguesa - representando a nação - às outras nações europeias. Uma afirmação pacífica, patriótica e celebratória, uma vez mais, da singularidade portuguesa, no concerto das nações europeias. Uma portugalidade que musicalmente se fazia exprimir através do rap, uma forma musical contemporânea, internacional, relacionada com a cultura popular urbana juvenil, designada hip-hop. O rap é uma linguagem musical originária da cultura negra norte-americana mas que granjeou um cosmopolitismo que se adaptou às diversas línguas do globo, nacionalizando-se em cada país ou cada língua.

Do ponto de vista da linguagem musical o contraste do rap com o hino nacional não podia ser maior. Ao tonalismo estrutural da *Portuguesa* opõe-se a marcação rítmica contínua e a ausência de funcionalidade harmónica da canção “Menos ais!”; ao elaborado recorte melódico do hino opõe-se o tom quase monocórdico da declamação rítmica do rap. Os acompanhamentos das letras são igualmente distintos: o hino usa uma orquestração sofisticada, ao passo que o rap utiliza com subtileza caixa de ritmos, guitarras eléctricas, samplers, coros e efeitos electrónicos.

Em ambos os casos há a afirmação de patriotismo e de portugalidade internacionalista, só que através de meios radicalmente diferentes. A vontade de expressar um afecto

8 Ver a letra em anexo

colectivo associado a Portugal mas através de meios que se relacionam, decerto, com as mudanças de uma conjuntura patriótica identitária, no final do séc. XIX, para um “patriotismo constitucional”, como lhe chama Habermas (Silva 2004:138), no início do século XXI.

5. Conclusão

Tal como afirmei no início desta comunicação, entre muitos portugueses a audição do hino nacional, *A Portuguesa*, tem um efeito emotivo relacionado com o sentido de pertença colectiva, orgulho e identidade. De facto, para os portugueses o que está em causa quando o hino é cantado ou tocado é a sua representação oficial, simbólica, através da música. Esta conotação da música com sentimentos individuais que remetem para um sentido colectivo, foi construída através de uma retórica política e ideológica que chegou à maior parte de nós a partir da escola, da educação informal e da experiência de vida em sociedade junto de outros portugueses.

Na verdade o hino nacional constitui uma parte fundamental da encenação social da ideia de pátria. E o patriotismo como ideal cívico, em Portugal, remonta ao contexto social e político do liberalismo do século XIX. No século XXI, o século em que o comércio, os transportes e as comunicações promoveram a integração das economias, das sociedades e das culturas num processo designado por globalização, o patriotismo não tem os mesmos fundamentos.

O sociólogo Habermas propõe algumas pistas para pensar um novo patriotismo que, certamente, fomentou as massas apoiantes da selecção nacional no Campeonato Europeu de futebol.

Seguramente que a cidadania e as modernas oportunidades de participação política experimentadas tornaram os cidadãos plenamente autónomos e já não súbitos de um nacionalismo de cidadania. A sociedade do século XXI já não oferece um panorama de homogeneidade cultural mas a cidadania tornou-se numa “força de integração social”.

Em outras palavras, como já não é possível, face um mundo desencantado, recorrer à experiência de uma história e de uma identidade compartilhadas, o patriotismo constitucional vem substituir o nacionalismo.

O patriotismo constitucional, tal como formulado por Habermas, difere da ideia de que o patriotismo é uma identificação comum com uma comunidade histórica fundada em certos valores. Como Habermas não espera que as democracias contemporâneas possam se organizar em torno de valores centrais, o patriotismo constitucional deve se ancorar em uma concepção de cidadania democrática que seja capaz de “gerar solidariedade entre estranhos” (Cittadine 2007:60-61).

A música desempenha, nesta perspectiva, um papel importantíssimo, uma vez mais, de estabelecer a ligação de portugalidade entre pessoas com diferentes visões, mas com um ideal comum de cidadania democrática e de pertença política a Portugal. Será, decerto, a capacidade da música para incorporar de novo os ingredientes ideológicos que representam a portugalidade.

O hino nacional, *A Portuguesa*, mantém, para já, essa capacidade e esse papel. A linguagem tonal novecentista não se tornou anacrónica. Pelo contrário, para muitos

mantém-se actual. Outros géneros musicais, como o rap, é que ganharam o seu espaço, ofereceram novas possibilidades de expressão numa espécie de metáfora da heterogeneidade cultural da sociedade contemporânea portuguesa. Especialmente em contextos concretos de afirmação do patriotismo constitucional, como foi o caso do Euro 2004, esta novidade mostra-se fundamental para a sua continuidade, já que representa uma espécie de reciclagem da portugalidade. A linguagem musical desempenha, pois, aqui um papel crucial ao ser capaz, ou não, de traduzir a grande diversidade de filiações patrióticas. Definida que esteja esta linguagem musical, um hino – seja ele a oitocentista Portuguesa, de Alfredo Keil, seja o rap “Menos ais”, dos Da Weasel - encarrega-se de encenar socialmente a pátria no concerto das nações.

Referências

- Baptista, António Alçada, (1998): *A Pesca à Linha – Algumas memórias*. Lisboa. Presença
- Bohlman, Philip (2002) *A Very Short Introduction to World Music*. Oxford: Oxford University Press.
- Cittadino, Gisele (2007) “Patriotismo constitucional, cultura e história”. In *Direito, Estado e Sociedade*. Jul/Dez, Nº31, pp. 58 a 68.
Disponível em: http://publique.rdc.puc-rio.br/direito/media/Cittadino_n31.pdf último acesso: 21/03/2011.
- Leite, Teixeira, (1978): *Como Nasceu a Portuguesa*. Lisboa. Terra Livre
- Lourenço, Eduardo (5ª/1992), *O Labirinto da Saudade*. Lisboa, Dom Quixote.
- Ministério da Defesa Nacional (s.d.) “Antecedentes Históricos do Hino Nacional”, disponível em:
<http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Portugal/SimbolosNacionais/AntecedenteshistoricosdoHinoNacional/Pages/HinoNacional2.aspx> ultimo acesso: 12/02/2011.
- Pinzani, Alessandro (2002) “Patriotismo e Responsabilidade na Época da Globalização” in Sobottka, Emil A. (Org,) *Civitas – Revista de Ciências Sociais*. Junho. Vol. 2, Nº1. pp 211-228.
Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/96> último acesso: 21/03/2011.
- Ramos, Rui (2001) “O cidadão Keil: “A Portuguesa” e a cultura do patriotismo cívico em Portugal no fim do século XIX”, in Barros, Mafalda Magalhães (Ed.) *Alfredo Keil (1850-1907)*. Lisboa: Ministério da Cultura.

Silva, Filipe Carreira (2004) “Cidadão da Europa? Algumas reflexões sobre o patriotismo constitucional” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Dezembro. nº 70. Pp 127-145.

Periódicos

Diário da República (1ª Série A, nº 155 de 12 de Agosto de 2005) “Constituição da República Portuguesa”. Lisboa: INCM. Url: http://www.portugal.gov.pt/pt/Documentos/Portugal_Documentos/CRP_Revisao2005.pdf, último acesso a: 17/03/2011.

Diário de Notícias (18 de Novembro de 1910) “Como Nasceu a Portuguesa”.

A Portuguesa

Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal,
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memória,
Ó Pátria sente-se a voz
Dos teus egrégios avós,
Que há-de guiar-te à vitória!

Às armas, às armas!
Sobre a terra, sobre o mar,
Às armas, às armas!
Pela Pátria lutar
Contra os canhões marchar, marchar!

Desfralda a invicta Bandeira,
À luz viva do teu céu!
Brade a Europa à terra inteira:
Portugal não pereceu
Beija o solo teu jucundo
O Oceano, a rugir d'amor,
E teu braço vencedor
Deu mundos novos ao Mundo!

Às armas, às armas!
Sobre a terra, sobre o mar,
Às armas, às armas!
Pela Pátria lutar
Contra os canhões marchar, marchar!

Saudai o Sol que desponta
Sobre um ridente porvir;
Seja o eco de uma afronta
O sinal do ressurgir.
Raios dessa aurora forte
São como beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustêm,
Contra as injúrias da sorte.

Às armas, às armas!
Sobre a terra, sobre o mar,
Às armas, às armas!
Pela Pátria lutar
Contra os canhões marchar, marchar!

Henrique Lopes de Mendonça

Hino do Minho (conhecido por Hino da Maria da Fonte)

Viva a Maria da Fonte
Com as pistolas na mão
Para matar os cabrais
Que são falsos à nação

É avante Portugueses
É avante não temer
Pela santa Liberdade
Triunfar ou perecer

É avante Portugueses
É avante não temer
Pela santa Liberdade
Triunfar ou perecer

Viva a Maria da Fonte
A cavalo e sem cair
Com as pistolas à cinta
A tocar a reunir

É avante Portugueses
É avante não temer
Pela santa Liberdade
Triunfar ou perecer

Lá raiou a liberdade
Que a nação há-de aditar
Glória ao Minho que primeiro
O seu grito fez soar

É avante Portugueses
É avante não temer
Pela santa Liberdade
Triunfar ou perecer

É avante Portugueses
É avante não temer
Pela santa Liberdade
Triunfar ou perecer

Música: Ângelo Frondoni
Letra: ?

Menos Ais

Três, dois, um, vai arrancar
uma espécie de hino em versão popular,
sem coisas de mão no peito e ar pesado.
Em 2004, o campeonato vai mudar o nosso fado
do coitado, do conformado, do comido.
Porque é que o país se queixa do que podia ter sido?
Mas nunca é. E a culpa nunca é nossa
é do árbitro, é do campo, é de quem nos deu uma coça.
Chega! Queremos mais! É um murro na mesa!
Um grito do Ipiranga em versão portuguesa.
Porque até hoje, quase marcámos, quase ganhámos, quase fizemos...
Mas porquê quase? ...
Passemos à próxima fase.

Marca mais!
Corre mais!
Menos ais, menos ais, menos ais!
Quero muito mais!

O conceito é muito simples: não desistir.
Mas será que é chato aquilo que acabamos de pedir?
É chato agora, acreditem no que digo:
nós jogamos em casa e contamos com o Figo,
o Rui Costa, o Deco, o Simão e o Pauleta.
Razões para querermos mais que um lugar que não comprometa.
Será demais pedir a taça?
Nada que um adepto com orgulho não faça.
Bonito, bonito, é dar o litro,
e não pôr culpas no gajo do apito.
Vá lá gritar noventa minutos, cento e vinte, o que for,
do princípio ao fim, por favor.
Vamos lá, people, afinem-me essa voz!
No fim, só ganha um... e temos que ser nós.

Marca mais!
Corre mais!
Menos ais, menos ais, menos ais!
Quero muito mais!
Joga mais!
Sua mais!
Menos ais, menos ais, menos ais!
Quero muito mais!

Nem custa tanto assim imaginar a vitória.
No fundo, é só uma soma de momentos de glória.

Era bonito... Um abraço aqui, um abraço ali...
Abraço toda a gente, abraço quem nunca vi.
Vamos lá transformar isto numa grande festa.
Sem pressão, Selecção, és a esperança que nos resta.
Por isso, escuta: não te esqueças que a sorte protege os filhos da luta.
Não levem a mal a exigência
Mas p'a empates e derrotas já não há paciência.
Queremos mais, muito mais, menos ais!
Scolari, já vimos do que cê é capais.
Cê sabe que para ganhar é preciso ter fé.
E a bola no pé.
yo... querem mais?
Então, baza lá, vamos lá outra vez...
Quem não salta agora aqui, não é português.
Sempre com o desejo de cantar na final
"levantai hoje de novo o esplendor de Portugal".
Tudo a postos,
vamos ter fé uma vez na vida
e acabar o europeu de cabeça e de taça erguida.
Se temos saudade, temos vontade, temos saúde, temos atitude...
Se temos tudo, de que é que o português se queixa?
Era esta a vossa deixa.

Marca mais!
Corre mais!
Menos ais, menos ais, menos ais!
Quero muito mais!
Joga mais!
Sua mais!
Menos ais, menos ais, menos ais!
Quero muito mais!

DA WEASEL